

---

# A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA NOS MANUAIS DIDÁTICOS: UMA RELEITURA\*

ANGELO PRIORI\*\*

---

**RESUMO:** O presente texto tem o objetivo de discutir a concepção de história veiculada em 4 manuais didáticos utilizados nas escolas públicas de 5ª a 8ª série do 1º grau na cidade de Maringá, Estado do Paraná. A escolha desses manuais deveu-se ao fato de serem utilizados em oito das dez escolas que os estagiários da disciplina Prática de Ensino de História II desenvolveram suas atividades no ano de 1992.

**UNITERMOS:** livros didáticos, história, indústria cultural.

---

## I

Inicialmente, devo ressaltar, por experiência profissional, que o livro didático é o recurso mais utilizado pelos professores que ministram aulas de História no 1º grau.<sup>1</sup>

Por um lado, o livro é tido pelo professor como um coadjuvante, que se destina a instruir e proporcionar ao aluno o conhecimento. Com conteúdos simplificados, são direcionados a uma clientela definida. Por outro lado, o livro didático, além de *objeto da indústria cultural do Brasil*, é uma mercadoria, e como tal está submetido às leis do mercado.

Como capitalista que é a nossa sociedade e com um Estado privatizado como o nosso, este adquire para as escolas aqueles livros que lhe possibilitam maiores vantagens econômicas, ou aqueles que proporcionam maiores vantagens econômicas aos seus administradores.<sup>2</sup>

---

\* - Originalmente este texto foi apresentado como comunicação no X Encontro de Pesquisadores de Educação da Região Sul, Maringá, outubro/1992.

\*\* - Professor do Departamento de História - Universidade Estadual de Maringá - Av. Colombo, 3690 - Maringá - PR - 87020-900.

---

Não quero aqui entrar no mérito da comercialização do livro didático. Tido como mercadoria, uma boa parte da literatura que analisa esses manuais, considera-o como *instrumento de reprodução ideológica* da sociedade dominante. A mesma literatura que entende o livro assim, também entende que a escola nada mais é que um *aparelho ideológico do Estado* ou um *espaço privilegiado da reprodução social*, para usar dois termos, um advindo de Althusser e outro de Bordieu-Passeron, tão em voga entre os nossos *pensadores da educação*.<sup>3</sup> Quem vê o livro e a escola assim, não deixa de ter razão. Porém, a meu ver, não conseguiremos aprofundar a análise com uma visão tão mecanicista e reducionista como esta.

Segundo Marcos Silva "*falar sobre o livro didático, é antes de mais nada, analisar o livro didático de história e refletir sobre o conhecimento histórico. Discutindo o livro didático de história, então, aborda-se problemas que são comuns a qualquer tipo de conhecimento em história*" (SILVA, 1990).

Refletir o conhecimento histórico sobre uma realidade concreta não é tarefa simples. A situação social de nossos alunos, as condições de trabalho e dos salários dos professores, além da infra-estrutura de nossas escolas, apresentam elevada porcentagem de precariedade. Dentro deste quadro alarmante, como se enquadra o livro didático? Será ele o ponto de ligação entre aluno e professor? Como trabalhar com estes manuais, quase sempre o único recurso que alunos e professores detêm?

Por pior que seja o livro didático, por mais generalizante e por mais factual que se apresente, alunos e professores poderão elaborar um trabalho crítico, que consiga, com a introdução de novas fontes, ampliar os limites da análise histórica<sup>4</sup>. Ou então, a partir da experiência de alunos e professores, contrapor uma análise crítica aos manuais utilizados nas salas de aula.<sup>5</sup>

## II

Após essas considerações, passo agora a analisar as concepções de história veiculadas nos manuais didáticos escolhidos.

Cabe ressaltar que a partir de 1991 o Estado adotou o novo currículo básico para as escolas públicas do Paraná, onde fez-se uma crítica ao ensino de história até então ensinado, propondo uma revisão do mesmo.

Na proposta curricular, enfatiza-se a necessidade de "*romper com uma forma de ensino onde o aluno se encontre numa posição passiva de aprendizagem, num círculo vicioso de reprodução de um conhecimento fechado, enclausurado numa relação de causas e conseqüências, onde a história é tão somente o conhecimento do passado*" (PARANÁ, 1990).

Esse rompimento se daria através de uma concepção renovada que possibilitasse a construção da história como ciência. Para isso seria necessário, segundo a proposta, conceber a história como *devir e prática* concreta do homem e, ao mesmo tempo, estudá-la em seu "*movimento contínuo, dinâmico, total e plural*" (PARANÁ, 1990).

Mesmo não concordando com a noção de história veiculada na proposta do Estado, como o leitor perceberá adiante, notamos no entanto, que as concepções de história adotadas pelos manuais escolhidos não vão ao encontro dessa revisão pretendida.

Em dois manuais aqui abordados, a definição de história tem quase o mesmo sentido. Para Maria Januária, história é o "*conhecimento da vida dos homens; como era, como é, e o que nela se modificou com o passar do tempo*" (SANTOS, 1991), enquanto que para Antoracy Araújo, história é o "*estudo daquilo que os homens realizaram, da maneira como viveram, como se alimentaram, como moraram, de que maneira trabalharam e por que trabalharam*" (ARAÚJO, 1985).

Nota-se que a preocupação desses autores é restringir a história como algo longínquo, distante de nossa realidade atual, e que este passado quase não apresenta uma relação com o presente.

Já Osvaldo Rodrigues de Souza tem a preocupação de apresentar esta relação passado/presente. Para este autor, história é a "*ciência que estuda o passado da humanidade e seu relacionamento com o presente*" (SOUZA, 1991). No mesmo sentido, Raimundo Campos diz que a história, "*como forma de conhecimento, estuda a vida das diversas sociedades através do tempo, do passado até o presente*" (CAMPOS, 1985).

A diferença entre o dois primeiros autores com relação aos dois últimos é significativa. Enquanto aqueles vêem a história à distância, no alto de seu pedestal, estes procuram interagi-la com o presente. No entanto, nenhum dos autores concebeu a história como o "*conhecimento do passado humano*" (MARROU, 1978) ou aquilo que se pode apreender desse passado.

Aliás, a palavra *conhecimento* aparece em dois autores: Maria Januária e Raimundo Campos. Somente este último abre espaço na sua concepção de história para

pensar o conhecimento como a "*relação, a conjunção, estabelecida por iniciativa do historiador, entre dois planos da humanidade, o passado vivido pelos homens de outrora, o presente onde se desenvolve o esforço de recuperação desse passado em benefício do homem, e dos homens que virão*" (MARROU, 1978).

Os demais autores, como frisei, não concebem a história como uma relação ativa com o passado. Para eles, a história aparece como um tribunal, onde "*domina a los hombres desde el exterior, que ejerce sobre ellos una autoridad suprema por estar inscrita en un pasado por definición irreversible y que hay inclinarse docilmente ante ella. Que, por lo tanto, es el pasado el que manda en el presente*" (CHESNEAUX, 1977).

Estes autores não conseguem vislumbrar que para se relacionar com o passado, tendo como base o conhecimento histórico, é necessário fazer uma inversão do tempo, ou seja, pensar o passado a partir do presente.

Na seqüência deste raciocínio, cabe resgatar que se a história é o conhecimento que o historiador elabora a partir da leitura que faz do passado, isto é, do passado humano, este passado se apresenta como "*comportamento suscetível de compreensão direta, de apreensão pelo interior, ações, pensamentos, sentimentos e também todas as obras do homem, as criações materiais e espirituais de suas sociedades e de suas civilizações, obras através das quais alcançamos o seu criador, em síntese, o passado do homem enquanto homem, do homem já tornado homem...*" (MARROU, 1978).

Compreender o passado humano, conforme aborda Marrou, é abrir espaço para pensar a cultura humana, para conceber um saber que esteja aberto ao mundo e a nós mesmos, e não fechado dentro do rigor teórico que aparece nos manuais, enaltecendo uma visão histórica voltada para o político e elucidadora dos grandes acontecimentos e batalhas.

Compreender o passado humano, ainda conforme Marrou, é abrir espaços para a análise das experiências humanas de *homens e mulheres* que retornam como sujeitos da história, que retornam não experimentando suas experiências apenas como idéias, mas também como sentimentos e

*"...lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas"* (THOMPSON, 1981).

## III

Ao terminar este pequeno texto, na forma de *pos-scriptum*, devo alertar que após quase cinco anos de implantação do novo currículo básico de história no Estado do Paraná e da presente política de Cursos de Capacitação Docente desenvolvida pelo Estado, pouco se avançou no sentido de uma real transformação no ensino de história. Os baixos salários e as precárias condições de trabalho, aliados à falta de um hábito de leitura e da vontade de adquirir conhecimentos históricos por parte dos professores, são, sem sombras de dúvida, um entrave na melhoria do ensino de história no Paraná.

## NOTAS

1 - Os manuais escolhidos para análise são os seguintes: SANTOS, Maria Januária Vilela. *História antiga e medieval*. 20ª ed. São Paulo: Ática, 1991; SOUZA, Osvaldo Rodrigues. *História do Brasil*. 19ª ed. São Paulo: Ática, 1991; ARAUJO, Antoracy Tortorelo. *História do Brasil, descoberta e início da liberdade*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985; CAMPOS, Raimundo. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1985.

2 - Para uma abordagem mais longa sobre estes pontos ver: FRANCO, Maria Laura P. B. *O Livro didático de História no Brasil*. São Paulo: Global, 1992; VESENTINI, Carlos Alberto. *Escola e Livro Didático de História*. In: SILVA, Marcos (org.) *Repensando a História*. São Paulo, Marco Zero/Anpuh, s/d; FONSECA, Selva G. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas: Papyrus, 1993.

3 - Para uma crítica mais elaborada das teorias de Althusser e de Pierre Bordieu e Jean-Claude Passeron, ver: SILVA, Marcos & ANTONIACCI, Maria Antonieta. *Vivências da Contramão: produção do saber histórico e processo de trabalho na escola de 1º e 2º graus*. In: *Revista Brasileira de História* (19). São Paulo: Marco Zero/Anpuh, 1990.

4 - Um exemplo bem sucedido de análise histórica a partir de manuais didáticos encontramos em GONÇALVES, José Henrique R. "A Guerra do Contestado, 1912/1916: uma síntese escolar". In: *Apontamentos* (27). Maringá: Eduem, 1994.

- 5 - Sobre a noção de *experiência* e a contribuição deste conceito para ampliar os limites da pesquisa histórica, ver: PRIORI, Angelo. *História regional e Local: métodos e fontes*. In: *Pós-História* (2). São Paulo, UNESP, 1994.

## BIBLIOGRAFIA

1. ARAUJO, Antoracy Tortorelo. *História do Brasil: descoberta e início da liberdade*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.
2. CAMPOS, Raimundo. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1985.
3. CHESNEAUX, Jean. *Hacemos tabla rasa del pasado?* Madrid: Siglo XXI, 1977.
4. FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papirus, 1993.
5. FRANCO, Maria Laura P. B. *O livro didático de história do Brasil*. São Paulo: Global, 1982.
6. GONÇALVES, José Henrique Rollo. *A Guerra do Contestado, 1912/1916: uma síntese escolar*. In: *Apontamentos* (27). Maringá: Eduem, 1994.
7. MARROU, Hénri-Irinée. *Sobre o conhecimento histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
8. PARANÁ, Secretaria do Estado de Educação. *Currículo básico para a escola pública do estado do Paraná*. Curitiba, 1990.
9. PRIORI, Angelo. *História Regional e Local: métodos e fontes*. In: *Pós-história* (2). São Paulo: UNESP, 1994.
10. SANTOS, Maria Januária Vilela. *História antiga e medieval*. 20ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
11. SILVA, Marcos & ANTONIACCI, Maria Antonieta. *Vivências da Contramão: produção do saber histórico e processo de trabalho na escola de 1º e 2º graus*. In: *Revista brasileira de história* (19). São Paulo: Marco Zero/Anpuh, 1990.
12. SOUZA, Osvaldo Rodrigues. *História do Brasil*. 19 ed. São Paulo: Ática, 1991.
13. THOMPSON, Carlos Alberto. *Escola e Livro Didático de História*. In: SILVA, Marcos (org.). *Repensando a história*. São Paulo: Marco Zero/Anpuh, s/d.